

## Papa Francisco reza “sozinho”: da praça vazia às mídias sociais – sentidos em circulação

Tatiane Milani<sup>1</sup> 

**Resumo:** Em 27 de março de 2020, período que marcou o início da pandemia de covid-19, e próximo da Páscoa, data importante para os católicos, o papa Francisco presidiu uma bênção extraordinária *urbi et orbi* diante de uma praça de São Pedro vazia. Um gesto que se tornou símbolo da transformação da experiência espiritual e comunicacional nos anos seguintes. Este artigo analisa como a celebração evidenciou a incorporação das lógicas midiáticas pelo campo religioso e desencadeou debates em torno da expressão “papa reza sozinho”. O recorte contempla a cobertura jornalística e os comentários de fiéis nas mídias sociais, observando os sentidos em circulação entre as instâncias midiáticas e religiosas. A reflexão se fundamenta nas discussões sobre mediatização (Braga, 2006; Gomes, 2017) e circulação (Verón, 2013; Fausto Neto, 2013), compreendendo a pandemia como um momento em que os rituais católicos foram ressignificados e novas formas de presença simbólica emergiram.

**Palavras-chave:** Papa Francisco; mediatização; circulação; papa reza sozinho.

## Pope Francis prays “alone”: from the empty square to social media – circulating meanings

**Abstract:** On March 27, 2020 — at the onset of the Covid-19 pandemic and close to Easter, a significant date for Catholics — Pope Francis presided over an extraordinary Urbi et Orbi blessing before an empty St. Peter’s Square. This gesture became a lasting symbol of the transformation of spiritual and communicational experience in the years that followed. This essay examines how the celebration revealed the incorporation of media logics into the religious field and triggered debates around the expression “the pope prays alone.” The analysis focuses on journalistic coverage and comments made by the faithful on social networks, observing the meanings circulating between media and religious instances. The reflection is grounded in discussions on mediatization (Braga, 2006; Gomes, 2017) and circulation (Verón, 2013; Fausto Neto, 2013), understanding the pandemic as a moment in which Catholic rituals were re-signified and new forms of symbolic presence emerged.

**Keywords:** Pope Francis; mediatization; circulation; Pope prays alone.

1 Doutora e Mestra em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul. E-mail: [tatimilani10@gmail.com](mailto:tatimilani10@gmail.com). <http://lattes.cnpq.br/6314428065409620>. <https://orcid.org/0000-0001-6953-8712>.

## Introdução

Este artigo propõe uma reflexão sobre o episódio marcado pela expressão “papa Francisco reza sozinho”, em 27 de março de 2020, na praça de São Pedro, no Vaticano. Nessa ocasião, a praça estava vazia em função das medidas de isolamento social impostas no início da pandemia de Covid-19. O episódio, amplamente transmitido pela televisão, rádio e internet, tornou-se um símbolo midiático do estado espiritual da população mundial e da transformação na forma de viver em sociedade que se desdobraria pós-pandemia.

A expressão “papa reza sozinho”, reproduzida por veículos jornalísticos e debatida nas redes sociais digitais, sintetiza a complexidade dos sentidos produzidos naquele momento – entre a solidão física e a comunhão simbólica mediada pelos dispositivos técnicos. O caso tornou-se emblemático para compreender como a midiática reorganiza as práticas e sentidos nas vivências dos fiéis com o campo religioso.

Portanto, com base nesse evento, examinamos como a incorporação das lógicas midiáticas pelo campo religioso provocou deslocamentos nas formas de presença simbólica e de construção de pertencimento. O objetivo é analisar como a celebração presidida por Francisco opera como um acontecimento comunicacional, que ativa circuitos de circulação de sentidos (Braga, 2012), nos quais se entrelaçam discursos religiosos, midiáticos e sociais.

O interesse em refletir sobre esse episódio está em pensar nos sentidos elaborados na circulação midiática sobre a expressão de o papa estar sozinho. Expressão essa que definiu o confinamento do mundo todo durante a pandemia. Com isso, aciono um debate sobre a ambiência da midiática e acerca das especificidades percebidas com o processo de circulação midiática, passando também pela construção do imaginário social que surge com esse evento.

Dessa forma, o artigo retoma reflexões anteriores sobre o episódio, agora revisitadas à luz das discussões sobre circulação e imaginário social, buscando compreender como a pandemia instaurou novas modalidades de presença e de relação simbólica entre fé, técnica e sociedade.

## 1. Midiatização: transformação de processos sociais

Estudar fenômenos comunicacionais no contexto da sociedade em midiatização compreende entender que esses emergem em problemáticas, conjunturas e cenários que não podemos prever o seu desenrolar. Por isso, é importante destacar a evolução dos processos sociais a partir do que se entende por sociedade dos meios, evoluindo para o contexto da midiatização.

Na sociedade dos meios, a principal característica se dá numa instância mediadora de campos. Quer dizer, cada campo social – seja político, religioso, sociológico, psicológico, etc. – é possuidor de suas lógicas próprias e funciona segundo elas. Dada a importância que os meios de comunicação começaram a assumir enquanto mediadores, então também se configuram como um campo, o dos *media*. Ou seja, os meios de comunicação, a partir da técnica, exerciam a mediação dos demais campos, impondo suas próprias lógicas ao funcionamento deles. Esse movimento se expandiu a ponto de os meios de comunicação passarem a ser elos de contato entre a sociedade e os receptores.

A mediação, explicada por Braga (2012, p. 32), “corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre estes”. O autor ressalta que esse conceito se mantém em todos os casos em que a expressão nomeia um processo. Os sentidos dessa relação variam de acordo com o elemento mediador, “conforme os sujeitos cuja relação é intermediada; e de acordo com o seu modo de atuação”.

Uma consequência disso é que o poder mediador dos meios, ao representar, linguisticamente a sociedade, deu ao jornalismo a noção de quarto poder na sociedade. Isso é, por meio de sua produção, o jornalismo acaba sendo percebido como representante dos interesses da sociedade, como se fosse uma força reflexa do que a sociedade pensa. Contudo, as lógicas dos meios não são necessariamente um dispositivo que representa a opinião dos demais campos e dos receptores de modo uníssono, mas sim um relacionamento do ser humano com a realidade ao seu redor.

No contexto da mediação, os meios significavam uma instância representacional daquilo que se passava na sociedade e, os receptores, só teriam conhecimento do conteúdo ofertado por meio dessa mediação. Na compreensão de Braga (2012), hoje o conceito de mediação se complexifica e isso significa dizer que não podemos considerar a mídia como um corpo estranho na sociedade. Esse cenário passa a ser denominado como a sociedade em midiatização. “Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos [...] continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas”. São esses padrões, que, segundo o autor, se complexificam “envolvendo a diversidade crescente da midiatização – o que é bem mais amplo e diferenciado do que referir simplesmente o uso dos meios”. (Ibid., p. 35).

Na perspectiva da midiatização, Braga (2006) aborda o conceito como um processo interacional de referência, compreendendo o processo como incompleto, pois está em andamento acelerado para se tornar de referência. Por conta dessa proposição, o autor explica que o processo de referência é quando alguns processos são considerados como principais, dominantes, de tendência hegemônica; em que os demais processos que não são de referência teriam aqueles de referência como base. Ou seja, eles “dão o tom” para o funcionamento dos demais. “Não podemos, portanto, adotar como explicação suficiente da midiatização a perspectiva de que se trata apenas da penetração de todos os processos sociais por lógicas dos meios” (Braga, 2015, p. 16). Na lógica da midiatização os “processos da mídia” passam a incluir os demais, sem os anular, mas ajustando-os. Isso porque os processos sociais de referência não anulam os outros, mas os organizam.

Alinhado a essa perspectiva, Gomes (2013, p. 127) indica que são “os processos que estabelecem e dão vida e sentido ao fenômeno da midiatização”. Dessa forma, o autor esclarece que, para além dos fenômenos particulares, o ser humano enquanto ser complexo “é capaz de compreender e dar consistência à midiatização enquanto processo”. Em uma visada mais abrangente, porém mais esclarecedora, Gomes (2017, p. 66) destaca que, no processo social, a midiatização é mais do que uma tecno-interação, mas “um novo modo de ser no mundo”. Essa expressão significa, nas palavras do autor, que há “um deslocamento das pessoas do palco (onde são sujeitos e atores) à plateia (onde sua atitude é passiva)”.

De que forma isso é possível? Se considerarmos o contexto aqui indicado, a expressão utilizada por Gomes (2017) quer dizer que a midiatização não é simplesmente a influência da tecnologia sobre a vida das pessoas, mas um modo de viver em sociedade que é alterado

em função de uma demanda informacional intensa. Ou seja, as pessoas passam a ter um novo modo de vida, em nível emocional e físico, em que há uma necessidade intensa em exteriorizar os sentidos por meio de aparatos técnicos.

Gomes (2017) ainda sinaliza que esse cenário é uma nova ambiência, que designa um salto qualitativo no desenvolvimento social, ou seja, a forma como atuamos, escolhemos e vivemos. Diz respeito ao modo como as pessoas usam a mídia e como “tematizam essa relação”. Nessa perspectiva, o autor vê a superação da mediação, pois os meios de comunicação passam a se configurar de modo mais complexo do que um terceiro elemento entre a realidade e as pessoas. Poderíamos dizer, nesse caso, que os meios de comunicação, em especial os dispositivos móveis (*smartphones*, por exemplo), não apenas estão presentes na vida diária das pessoas, mas são extensões desses seres humanos, como partes biológicas deles. Desse modo, fica difícil imaginar viver um dia inteiro sem as funções desses aparelhos.

O ponto é que a midiatização é a forma como as pessoas compreendem e interpretam a realidade. Ou seja, a midiatização reconfigura o modo de fazer e de ser em sociedade. Assim, as pessoas e a sociedade percebem a própria realidade a partir do fenômeno da mídia que, no entendimento de Gomes, não se restringe aos dispositivos tradicionais. Esse autor também faz uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na vida das pessoas. Segundo ele, há uma troca recíproca na relação produtores-receptores, e ambos se modificam nessa interação.

A partir do entendimento de como a sociedade vai se transformando e modificando a forma como as pessoas vivem e se relacionam, adentramos nas especificidades do episódio sobre o líder do catolicismo. A partir de indícios coletados em ofertas do jornalismo e da interação dos atores sociais com tais ofertas, é possível compreender concretamente como os processos sociais são afetados por essa ambiência da midiatização.

## 2. O fenômeno na ambiência da midiatização

O ano de 2020 teve seu início marcado por um colapso global inédito na história em função da pandemia por conta do coronavírus. Conforme elaborado anteriormente, a sociedade vem se transformando aceleradamente por causa do papel que os dispositivos e meios de comunicação têm desempenhado no modo de vida humano. A pandemia complexificou as processualidades comunicacionais, evidenciando a dependência dos dispositivos técnicos para sustentar as interações sociais e religiosas. Nesse contexto, a midiatização precisa ser entendida não apenas como uma forma de mediação, mas um ambiente simbólico no qual os sujeitos reorganizam práticas e sentidos.

Naquele contexto, por exemplo, os médicos e profissionais da saúde mental começaram a fazer consultas somente *online*; todas as instituições educativas cancelaram suas atividades presenciais e os professores passaram a transmitir o conhecimento por meio de aulas remotas; artistas começaram a fazer *shows* e apresentações em suas casas com transmissão ao vivo pela internet; por sua vez, as igrejas, templos e centros religiosos foram fechados e, diante desse obstáculo, o compartilhamento da mensagem espiritual teve que ser totalmente recriado.

Em suma, para que a vida não definhasse completamente, todas as áreas da sociedade tiveram que se reinventar. Esse processo não só originou um novo modelo de presença aos ofertadores de conteúdo, como também alterou o modo de produzir e consumir informação e entretenimento. Assim, tornou-se vital a imersão completa com a tecnologia ou qualquer meio de comunicação que faça acontecer esse elo entre emissor e receptor.

Com a Igreja Católica Apostólica Romana, instituição religiosa milenar, esse processo não foi diferente. Exemplo disso foi o ocorrido em 27 de março, no auge do isolamento na pandemia, quando o papa Francisco deu a milhões de católicos uma benção que normalmente é concedida somente duas vezes ao ano. Em um ritual até então inédito, realizado apenas por meio da televisão, rádio e internet, o pontífice concedeu uma bênção extraordinária aos fiéis católicos (perdão dos pecados) em um momento de confinamento imposto e de intensas reflexões existenciais e espirituais. Na ocasião, o pontífice realizou essa celebração na praça de São Pedro, no Vaticano, estando ela completamente vazia e chuvosa. Conforme destacou numa chamada o jornal mineiro *O Tempo*, foi a primeira vez na história da Igreja Católica que um papa rezou sozinho na praça de São Pedro.<sup>2</sup>

O que observamos com esse acontecimento é um movimento mais complexo do que a transmissão do ritual via dispositivos técnicos – como já vem sendo realizado há anos pelas instituições religiosas. Diz respeito a uma alteração de lógicas interacionais de um campo completamente estabelecido. Ou seja, o campo religioso com sua dinâmica, com seu modo próprio de organização, já tem em seu fazer a inserção de lógicas do campo midiático.

Contudo, com o contexto do isolamento na pandemia, algo foi invertido: as lógicas do campo midiático dinamizaram o fazer religioso. Isso não alterou apenas a discussão do campo em si, mas modificou o fazer social relacionado à religião e o modo como as pessoas passaram a fazer contato com a religiosidade. Em outras palavras, houve ali uma alteração intensa em um processo social extremamente enraizado em suas lógicas de contato e funcionamento.

Para compreender o que é um processo social, Braga (2015, p. 20) explica que as lógicas desse “correspondem à sua estrutura básica, explicam o que ocorre. Dizer as lógicas é dizer o processo”. Por isso, a importância de perceber essas processualidades transformadas, “de observar como tais lógicas se manifestam em casos concretos; de observar seu surgimento, suas variações, sua manutenção e suas transformações”. Aqui fazemos um esforço de compreender as modificações nos processos sociais da Igreja Católica a partir de um contexto que altera todas as práticas da instituição.

Nesse caso, as lógicas e modos próprios do campo midiático estão extremamente arraigadas nas lógicas de funcionamento do campo religioso, a tal ponto que acontecimentos semelhantes se tornaram padrão em celebrações católicas. A partir do contexto da pandemia e da necessidade de a igreja passar sua mensagem aos fiéis, os padres começaram a fazer missas sem público, apenas com a companhia de uma câmera com transmissão ao vivo. Em outras ocasiões, também se adotou a prática de colocar fotos de fiéis nos bancos vazios das igrejas, de modo que se estreitasse o contato com as pessoas em suas residências.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.otempo.com.br/mundo/pela-1-vez-na-historia-da-igreja-catolica-papa-reza-sozinho-na-praca-sao-pedro-1.2317343>. Acesso em: 4 dez 2025.

Isso corresponde a observar que há valores sociais incluídos na própria invenção e desenvolvimento de tecnologia, que devem ser inferidos. Além disso, as inovações tecnológicas se ajustam também aos valores dos usuários que as acionam, transformando-se pelo uso diversificado (Braga, 2015, p. 23).

Em termos do episódio aqui mencionado, antes a igreja estudava sobre os efeitos e forma de uso dos meios de comunicação em suas práticas religiosas. Hoje, a mediação feita pela tecnologia continua e se complexifica, pois está incorporada na instância produtiva da instituição. Ou seja, o ritual religioso não só é pensado em função da mídia, mas a especificidade do campo midiático organiza o fazer eclesialístico. O que está em jogo, portanto, não é apenas pensar em como fazer chegar até as pessoas os rituais sagrados, mas como os fiéis, em suas casas, receberão a mensagem. Assim, não só a instância produtora se transforma, mas o receptor também vai se moldando e incluindo isso em seus rituais particulares. Logo, essa transformação não é unilateral, mas conjunta.

Na perspectiva de Verón (2013; 2014), ao mesmo tempo em que as vias mecânicas – tecnologias – passam a incidir sobre o modo como a vida se desenha ou desdobra, a arquitetura comunicacional é tecida em *feedbacks* e sistemas sociais complexos. Se por um lado a instituição religiosa necessita chegar até as pessoas, exteriorizando suas práticas, por outro, a vida e as formas de rituais das pessoas já não são mais as mesmas, porque elas adquirem novas lógicas e demandas. Isso é, esses *feedbacks* complexos explicam novos padrões de interações no funcionamento entre instituições midiáticas e não midiáticas, entre campos sociais e pessoas.

Nesse ponto, vale destacar que a pandemia não apenas intensificou o uso das tecnologias de comunicação, mas reposicionou o lugar simbólico da experiência religiosa no ecossistema midiático. A midiaticização, entendida como processo social que reorganiza práticas e sentidos (Gomes, 2017; Braga, 2015), opera aqui como o terreno em que a circulação de discursos ganha densidade. Essa noção será aprofundada no próximo item.

### 3. Sentidos em circulação: “o papa reza sozinho” no imaginário social

Pelo fato de estudarmos objetos permeados pelas transformações resultantes da midiaticização, também é necessário entender como tais processos são possíveis de serem percebidos e analisados. Por conta disso, se faz necessário compreender o conceito de circulação e a processualidade que ele envolve.

A partir do eixo fundador, a circulação passa a ser compreendida como aquilo que gera “descontinuidades e contrastes nas relações entre produtor e receptor”, e o contexto interacional entre os polos acontece nesse intervalo. Tais diferenças enfraquecem “a concepção que lhe foi anteriormente designada de ‘zona de passagem’ na medida em que lhe é atribuída a causa da instabilidade nas relações entre eles; ou seja, ela é causa de descontinuidades” (Fausto Neto, 2013, p. 47). É nesse processo que desestabiliza e sai da unilateralidade que dá estrutura ao processo comunicacional.

Assim, Fausto Neto (2013, p. 47) ratifica essa noção quando diz que, “se um emissor não tem controle sobre o próprio discurso que elabora, ele não pode igualmente exercer



sobre os seus efeitos junto a seu interlocutor. O que não significa que o discurso não produza efeitos”. Dito de outra maneira, os efeitos existem para além do controle do produtor, como também podem não ser os inicialmente previstos.

Portanto, para Verón (2013), a circulação é sempre dinâmica e leva em conta a produção de sentido. Além disso, ela dinamiza o objeto porque é um trabalho significativo, simbólico, não é algo estático. E, hoje, isso se complexifica com os discursos midiáticos, pois são constituídos por dois lugares (emissão e recepção), que possuem zonas de tensão. Nessa direção, a circulação não é uma zona morta, porque os polos que produzem o processo comunicacional são acionados por uma dinâmica descontínua, que não se fecha e que, por consequência, avança sempre na sua incompletude.

No modo triádico (signo, objeto e interpretante) desenvolvido por Verón (1980), com base em Peirce, a produção passa por operações e, dessa produção resulta um discurso que é reconhecido a partir de esquemas cognitivos e mentais. Mais tarde, Verón viria a propor os elementos da instância da produção e da recepção que são responsáveis pela apropriação do discurso. Ele entende que a “ruptura expressa na não linearidade da circulação do sentido, é que os fenômenos midiáticos não são sua causa primeira. Assim, são um efeito” (2013, p. 292, tradução livre).<sup>3</sup> Verón explica que “as gramáticas de produção formalizam as operações que dão conta das propriedades identificadas no discurso/objeto; porém, não as explicam” (2013, p. 293, tradução livre e grifo no original).<sup>4</sup>

Por conta disso, esse autor afirma que há condições de produção (CP) que podem ser econômicas, sociais, históricas, políticas, etc. E essas condições vão dar conta da semiose/processo a ser estudado dessa gramática de produção em particular. Quanto ao reconhecimento, Verón esquematiza:

a não linearidade da circulação da semiose, indicando a necessária pluralidade de gramáticas de reconhecimento do discurso/objeto ( $GR_1, GR_2, GR_3... GR_n$ ), que exigem, na sua vez, para sua explicação, um reenvio às condições de reconhecimento (CR) (2013, p. 293, tradução livre).<sup>5</sup>

Essa processualidade inerente à circulação se molda em circuitos, trazendo as lógicas dos campos sociais para a sua dinâmica pois, nesse sentido, os campos não delimitam por conta própria certas deliberações. É nessa dinâmica que se estabelece o conceito de circuitos (Braga, 2012), quando os campos estão relacionados em dinâmica de fluxo adiante do processo interacional. Em síntese, os campos sociais estão em uma atividade complexa de circuitos.

Podemos ilustrar um circuito a partir da postagem do portal G1 em sua página no Facebook sobre a celebração do papa, em 27 de março de 2020. A notícia foi publicada no site do Portal G1, gerando mais de 500 comentários até 17 de agosto de 2020. Já no Facebook, ela gerou mais de 3 mil comentários até essa mesma data. Não havendo a possibilidade de capturarmos a totalidade dos comentários, fazemos recortes para compreender como se dá a produção de sentidos em circuitos.

3 “[...] ruptura expresa la no linealidad de la circulación del sentido, y que los fenómenos mediáticos no son su causa primera. Así es, em efecto.”

4 “La gramática de producción formaliza las operaciones que dan cuenta de las propiedades identificadas del DO, pero no las explica.”

5 “[...] la no linealidad de la circulación de la semiosis, indicando la necesaria pluralidad de gramáticas de reconocimiento el DO ( $GR_1, GR_2, GR_3... GR_n$ ), que exigen, a su vez, para su explicación, un reenvío a condiciones de reconocimiento (CR).”

No debate ali suscitado, o conteúdo saiu do conteúdo original da matéria jornalística, seguindo um debate teológico, político e, sobretudo, a respeito de divergências entre os usuários da plataforma. Outra característica da circulação midiática é a possibilidade de compartilhar esse conteúdo em outros locais, sejam entre grupos particulares ou mesmo na página pessoal do Facebook. A postagem aqui em questão teve mais de mil compartilhamentos até 17 de agosto de 2020. Por sua vez, cada pessoa que compartilhou esse conteúdo recebeu em sua própria postagem comentários diferentes dos publicados na página do G1. Desse modo, essas outras postagens acionaram mais debates e ângulos sobre a notícia original, como pode-se ver a seguir na Figura 1.



**Figura 1.** Recortes de comentários da postagem do G1 no Facebook

Fonte: Facebook G1<sup>6</sup>

Nos comentários reproduzidos na Figura 1, é possível identificar que um deles gerou 37 respostas e, o outro, 21. Ou seja, o comentário inicial foi tecido referente ao sentido que a matéria tinha para o ator social, contudo, o seu comentário fez emergir opiniões diversas, não apenas sobre o conteúdo da matéria, mas sobre sua própria opinião. Pela interação que o Facebook possibilita, esse processo leva a uma profusão de debates em variados ângulos, que ora fogem totalmente do discurso iniciado pela notícia.

Nesse caso, observamos discussões sobre dogmas, tradições católicas e perspectivas pessoais de fé. Isso implica sinalizar o que Braga chama de circuitos que vão sendo acionados em fluxo adiante, os quais não podem ser estancados nem terem seu fim capturado, especialmente quando o conteúdo em questão é muito compartilhado e ressignificado em

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/3800569726661751>. Acesso em: 10 ago. 2020.



outros espaços digitais. Esse movimento acontece de várias formas, “desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários” que, por sua vez, também são replicados de diferentes formas em processo de debates, polêmicas, e “em processo agonístico” (2012, p. 39).

Braga afirma ainda que a circulação não é apenas a presença de novos meios, mas que os produtos que circulam na mídia de massa são “retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela)”. Segundo ele, “já não é tão simples distinguir ‘pontos iniciais’ e ‘pontos de chegada’, produção e recepção como instâncias separadas” (pp. 39-40).

Nos circuitos, de acordo com Braga, não é o produto que circula, mas encontra na circulação um sistema que vai viabilizar e alimentar esse circuito.

O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços (p. 41).

Assim, ao mesmo tempo em que o produto se mantém na circulação, ele passa a moldar o próprio ambiente que o põe a circular. Logo, esse processo, entendido como uma forma especial de observação do objeto, vai produzir “inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve”.

Todo esse processo se dá em idas e vindas, mas não é possível determinar o fim do circuito, nem mesmo a totalidade de sentidos e significados gerados nesse fluxo adiante. Isso diz respeito a como o processo de sentidos é construído. E, como bem explicou Verón (2013), esse processo está ligado às condições e gramáticas de cada pessoa ou instituição envolvida na interação. A partir dessa perspectiva, entendemos que os meios não aparecem apenas como instrumentos para potencializar as relações entre uma instituição e a sociedade, mas atravessam o fazer da instituição, alterando a experiência e suas formas de contato.

A partir dos sentidos em circulação, outro aspecto que reverbera nesse episódio do papa Francisco rezando sozinho na praça de São Pedro é a problemática do imaginário social. A partir da esfera discursiva, tantos dos meios de comunicação quanto das interações dos atores sociais, emergem tentativas de construção de um imaginário social sobre o acontecimento. Exemplo disso é a imagem que se tornou símbolo desse momento. Vários meios de comunicação que noticiariam o fato utilizaram uma foto capturada de cima, cobrindo a extensão da praça completamente vazia, com destaque para uma cobertura na área central, de onde o pontífice realizou o ritual religioso debaixo de garoa, sob uma luz que lhe dava visibilidade.

Isso quer dizer que os sentidos são observados não apenas nas interações das pessoas, mas na forma como as imagens são usadas, a fim de provocar determinada emoção no leitor. Nesse caso, o G1 escreveu na matéria de 27 de março: “A imagem do chefe da Igreja católica orando sozinho diante da imensa esplanada pelo fim da guerra contra um inimigo invisível é quase cinematográfica.”



**Figura 2.** Fotografia utilizada pelo G1 na matéria jornalística

Fonte: Portal G1, foto: Reuters/Guglielmo Mangiapane<sup>7</sup>

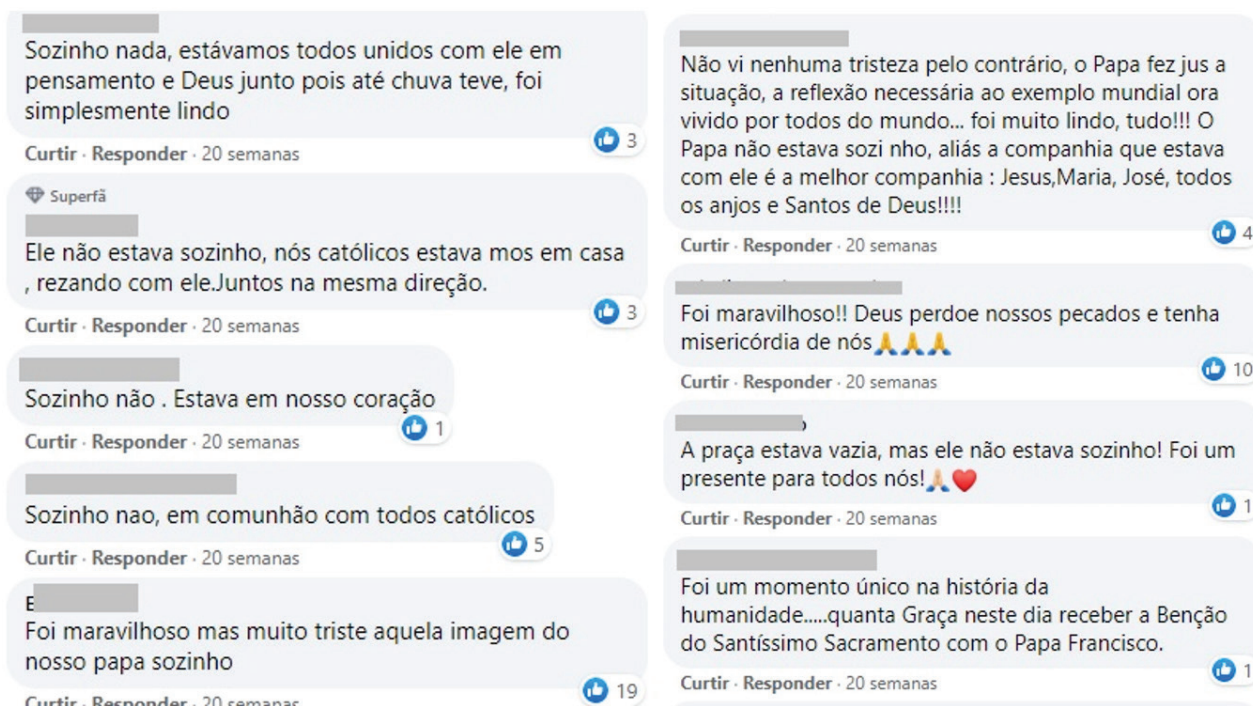
A partir da imagem utilizada pelo G1, adicionada ao contexto caótico da pandemia e levando em consideração a forma como essa crise reverberou na saúde psicológica e no imaginário das pessoas, a frase do portal de notícias tem um efeito de sentido de algo grandioso, capaz de provocar emoções intensas no leitor. Isso porque o portal valoriza o registro desse momento comparando a imagem com uma cena de cinema. Afinal, a pandemia foi um período delicado para todos. E, levando-se em conta que o episódio noticiado tinha relação com a espiritualidade, a fotografia deve ter gerado reflexão sobre valores religiosos e sensibilidade para com o próximo, sobretudo, agindo no imaginário social.

Charaudeau (2017) aborda o imaginário sob o aspecto sociodiscursivo. O autor trabalha com a ideia de imaginário como algo que “nasce na mecânica das representações sociais” e que passa a construir significações a respeito de objetos, fenômenos produzidos pelos seres humanos e seus comportamentos. Dessa forma, Charaudeau entende o processo como algo que transforma a realidade em significante. “Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva” (Charaudeau, 2017, p. 578).

Nesse sentido, passa pelo processo de ressignificação a expressão do papa estar rezando “sozinho”, a qual também está atrelada à noção de imaginário social. Na postagem

<sup>7</sup> Disponível em: <https://glo.bo/3gVWZgy>. Acesso em: 10 ago. 2020.

no Facebook do jornal *O Tempo* – “Pela 1ª vez na história da Igreja Católica, papa reza sozinho na praça São Pedro” – os atores sociais levam à discussão o termo empregado pelo jornalismo, buscando sentidos outros para a semântica da palavra.



**Figura 3.** Comentários na postagem do jornal *O Tempo* no Facebook

Fonte: Facebook jornal *O Tempo*.<sup>8</sup>

Observando os comentários, podemos identificar que as pessoas não concordaram com o emprego do termo *sozinho*, pois se sentiram parte do ritual, mesmo distantes, mas unidas pela mesma causa. Nota-se a nomeação: “nós católicos estávamos em casa rezando com ele.” Quer dizer, os fiéis católicos sentiram-se conectados, apesar do distanciamento, o que produz um sentido de imaginário social no contexto da pandemia. Imaginário que também apontava para a superação daquela fase ruim, como demonstraram comentários do tipo “estamos todos juntos” e “todos estamos passando por isso”.

O que dá a ver nesse episódio é que a questão do estar *sozinho* remete a interpretações. Uma delas é que essa solenidade singular, que é transmitida para o mundo inteiro, conta com um processo técnico de produção muito sofisticado; Porém, mais sofisticadas ou complexas foram as negociações então desenvolvidas, a fim de que pudessem produzir efeitos de sentidos evocativos e associados à solidão de Cristo na cruz e a solidão dos enfermos da pandemia. Isso indica o quanto nós também nos nutrimos e vivemos dessas inspirações simbólicas.

Assim, esses dispositivos também vão proporcionar a circularidade do conteúdo, fazendo emergir novas vozes e significados que refletem em construções acerca do

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/portalotempo/posts/3015705875178605>. Acesso em: 4 dez 2025.

imaginário social em circulação. Na perspectiva de Charaudeau (2017, p. 579), isso é resultado de uma atividade representacional,

que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos.

A partir dessa perspectiva, se subentende que o debate feito em comentários é uma tentativa de fazer prevalecer uma ou outra opinião que, por sua vez, carrega um sentido imagético. São comentários que, em alguns momentos, têm uma predominância no sentido, o que acaba formando uma memória coletiva daquele pequeno grupo.

## Conclusão

A partir da exposição feita, conseguimos ter uma amostra da complexidade das transformações sociais dos últimos anos, em especial, de um período de acelerada imersão dos dispositivos técnicos no modo de ser das pessoas. Em termos de acesso ao que ocorre no mundo, isso só é possível quando temos contato com o acontecimento em questão, de modo já mediado, como é o caso do papa Francisco celebrando um ritual sozinho. Isso quer dizer que, a menos que testemunhemos o exato momento em que o fato acontece, não temos noção dos fatos senão pelos meios e tecnologias de comunicação. Nesse caso de o papa Francisco ter concedido uma bênção extraordinária, os fiéis a receberam mediada via dispositivos técnicos, ou seja, com certa camada de significação.

Pensando nisso, o debate que surge dessa reflexão é pensar em como os processos sociais são alterados em função dessas características interacionais, e como o nosso próprio fazer social no mundo é modificado também. Por exemplo, uma pessoa que estivesse lá presencialmente no Vaticano poderia ter interiorizado aquele ritual de uma forma diferente do que se estivesse em casa, vendo a cerimônia pela televisão.

Com o cenário da pandemia, o processo social religioso foi transformado e pode, inclusive, incidir sobre uma mudança de rituais futuros. É importante pensar que, por conta desse intenso atravessamento das lógicas da mediação no fazer religioso, pós-cenário pandêmico, os próprios fiéis já tenham se adaptado a essas transformações, o que pode levar a uma demanda por adaptação da instituição religiosa, a fim de que ela reelabore suas lógicas novamente.

O ponto aqui não é avaliar se essas transformações são boas ou ruins, mas compreender as especificidades de como elas acontecem. E isso se dá numa relação humana, não apenas técnica. Nós, pesquisadoras/res da comunicação, precisamos pensar em como o aspecto individual – gramáticas e condições de produção e recepção – vão dar a ver essa transformação. Não é possível medir os sentidos em cada indivíduo, mas tentar compreender o fenômeno em nível macro, a partir de particularidades possíveis.

Aqui fiz uma transição sobre o processo de mediação para o de mediação. Acontece que naturalizamos o fato de chegarmos aos acontecimentos de forma mediada, ressignificada. Acaba sendo um processo natural. Contudo, é necessário problematizar



isso. Precisamos pensar que efeitos geram na construção social, nos processos de toda a sociedade, na compreensão do mundo. A perspectiva do “novo modo de ser no mundo”, elaborada por Gomes (2017), nos faz refletir que sempre conhecemos o que conhecemos de forma mediada. O que evolui de uma era para outra é a forma como escolhemos nos relacionar com isso.

Em outras palavras, houve um tempo em que se pensava que os sentidos colocados em determinada mensagem chegariam exatamente daquele jeito para o receptor. Hoje vimos que isso não é simples assim. Mas o processo segue o mesmo: alguém emite alguma mensagem. No caminho há o desvio, a circulação. O conteúdo chegará até o receptor. A diferença está na evolução na forma de pensar e ver o mundo e, nesse estágio da midiatização, esse processo que antes parecia simples, hoje é incorporado, atravessado e modificado pela centralidade que os dispositivos técnicos e suas funções têm em nosso modo de ser no mundo. Todo esse processo é complexo, permeado por especificidades e representam um novo salto no desenvolvimento de todos os processos sociais.

## Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (orgs.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre Mediatizaciones**. Rosário: UNR Editora, 2015. pp. 15-32. Disponível em: <https://rehip.unr.edu.ar/server/api/core/bitstreams/586560e2-18d2-4361-881b-395b75623fea/content>. Acesso em: 4 dez 2025.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (orgs.). **Mediação e Midiatização: Livro Compós** 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012. pp. 31-52. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em: 4 dez 2025.

BRAGA, José Luiz. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: Anais do 15º Encontro Anual da Compós, 2006, Bauru (SP). **Anais eletrônicos**, Galoá, 2006. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2006/trabalhos/sobre-mediatizacao-como-processo-interacional-de-referencia?lang=pt-br>. Acesso em: 4 dez 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, pp. 571-591, jan/jun 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/857/433>. Acesso em: 4 dez 2025.

FAUSTO NETO, Antonio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (orgs.). **10 Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação**. 1ª edição. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2013, , pp. 43-64.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução**. 1ª edição. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

GOMES, Pedro Gilberto. Como o processo de midiatização (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais? In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (orgs.). **10 Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos, 2013, 1ª edição, pp. 127-139.



VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, pp. 13-19, jan/jun 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19. Acesso em: 4 dez 2025.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2**: ideas, momentos, interpretantes. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

<b>Submissão:</b> 17 out 2025		<b>Avaliação:</b> 31 out 2025		<b>Revisão:</b> 12 nov 2025		<b>Edição:</b> 7 dez 2025		<b>Publicação:</b> 16 dez 2025
-------------------------------	--	-------------------------------	--	-----------------------------	--	---------------------------	--	--------------------------------